

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Elaine Juchem Selistre, filha de João Juchem Sobrinho Segundo e de Íris Juchem, nasceu em São Sebastião do Caí, em 19 de abril de 1918.

Casou-se com Tasso Selistre, que, na época, era Delegado de Polícia, e, mais tarde, veio a integrar a magistratura gaúcha, aposentando-se como desembargador. Como ela foi sempre uma católica fervorosa, desde jovem exercendo uma liderança incontestada, vale o registro de que, para se casar, exigiu, do então noivo, que era de família protestante, que se convertesse ao catolicismo, o que alcançou com grande êxito, pois ele também se tornou um líder católico. O casal teve sete filhos, Tael João Selistre, Talai Djalma Selistre, Tasso Selistre Filho, Taine Nazareth Selistre Carlomagno, Tassel Francisco Selistre, Talaine de Fátima Selistre e Tasselne Paulo Selistre (este falecido com poucos dias de vida), e deixou noras, inúmeros netos e quatro bisnetos.

Com os quatro filhos mais velhos, o casal transferiu residência para Canguçu, no ano de 1952, em decorrência da carreira de Tasso, já então na magistratura. Lá, além de sua atividade como professora, não somente no lecionar, o que fez tanto no Grupo Escolar Irmãos Andradas, de que foi diretora, como no Ginásio Nossa Senhora Aparecida, onde lecionou música, foi destaque também em inúmeras promoções, envolvendo toda a comunidade com a realização de festivais de música, quermesses, apresentações de peças teatrais com gente da terra, festas e bailes. Em 1953 ou 1954, foi a idealizadora do primeiro baile à gaúcha na cidade de Canguçu, o que se deu em um grande galpão da CESA – Companhia Estadual de Silos e Armazéns – com muita gente apresentando-se “pilchada”.

Logo que chegou a Canguçu, impressionou-se com o lastimável estado de conservação do prédio da Igreja Matriz, dedicado à Nossa Senhora da Conceição. Sendo uma Mariana devotadíssima e tendo visto que eram poucos os católicos que participavam das celebrações eucarísticas, na primeira oportunidade em que D. Antônio Zatera, Bispo Diocesano com sede em Pelotas, esteve em Canguçu, em visita pastoral, convidou-o para almoçar em sua casa e dele procurou exigir mais presença na cidade, como forma de tentar aproximar mais os católicos da Igreja. Na ocasião, D. Antônio disse que não poderia fazê-lo, pois o templo estava em estado tão lamentável que era capaz de desmoronar sobre os fiéis, e acrescentou que isso seria diferente, se alguém se responsabilizasse pela recuperação do prédio. As palavras do bispo impressionaram-lhe tanto que, tendo ido à Igreja, prostrando-se diante da imagem de Nossa Senhora da Conceição, fez com a Santa o trato de que ela cuidaria da casa do seu Filho e a Virgem Maria cuidaria dos seus filhos. O trato foi cumprido.

Induzindo o esposo a lhe acompanhar na empreitada, puseram mãos à obra e, formando uma pequena comissão, reedificaram a Igreja Matriz de Canguçu, tendo sido aproveitados do prédio original apenas o pórtico de entrada e as duas torres. A falta de dinheiro era relevante, e, por isso, inúmeras promoções foram realizadas para levantar fundos, das quais de tudo ela e o esposo participaram pessoal e ativamente. O interior do Município, dos maiores do Estado na época, era percorrido na busca de colaborações. Na maioria das vezes, eram doados animais como ovelhas, novilhos, porcos, galinhas, etc., que eram rifados, leiloados ou preparados para o consumo nas inúmeras quermesses levadas a efeito.

Os trabalhos na obra, sob o comando do Professor Adail Bento Costa, filho da terra, que, embora residisse fora de lá, se dispôs gratuitamente a abraçar a causa, eram realizados por qualquer pessoa que se dispusesse a isso, e muitos, como não tinham dinheiro ou animais para doar, vieram do interior do Município, trazidos em caminhões cedidos pelo Prefeito

Municipal Ernani Bento, para dar dias de seu trabalho à causa. Em fim, ela e o esposo arregimentaram grande parte da população municipal. Os católicos assumiram decisivamente esse papel, passando as celebrações a serem muitíssimo frequentadas, sendo que, durante as obras, os atos litúrgicos eram realizados em outro local. Com tudo isso, um novo templo surgiu, mas a inauguração somente se deu quando eles já não residiam em Canguçu.

Ainda lá, ela organizou um coral da Igreja, do qual participava regendo e tocando um antigo órgão de pedais. Foi também catequista na paróquia, organizou novenas, tríduos e procissões, envolvendo cada vez mais gente, e reorganizou a Congregação Mariana e o Apostolado da Oração.

O terço final de sua vida aconteceu em Porto Alegre, onde continuou com a sua intensa vida religiosa, sendo uma líder na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, onde mais uma vez demonstrou uma ligação com Maria Imaculada. Ainda, participou do Movimento de Cursilhos de Cristandade. Sempre foi de ir à missa diária e, na paróquia, integrou a Congregação Mariana, tendo sido presidente deste Movimento de Igreja no Estado do Rio Grande do Sul. Também, foi membro do Coral da Conceição, grupo a que tinha especial afeição e a que se entregou com afinco, enquanto teve forças, promovendo encontros festivos com seus integrantes. Sua dedicação à paróquia foi exemplar, seja na participação pessoal, como festeira das festas de Nossa Senhora da Conceição em mais de uma oportunidade, seja na participação financeira, tendo aportado recursos consideráveis não só para manutenção da “casa” como para a aquisição semanal de flores para enfeitar o altar de Maria e de seu Filho. Ao tempo de D. Cláudio Kolling, inventou o “Terço na Praça”, quando, uma vez por mês, reunia, na Praça Matriz, inúmeras pessoas de várias paróquias. Também, criou o “Cenáculo”, uma reunião paroquial efetuada todas as terças-feiras, quando apresentava estudos sobre Maria Santíssima.

Em suas terças-feiras, tinha a tarde completamente tomada na Paróquia da Conceição, pois participava da Congregação Mariana da primeira hora da tarde até as 16 horas e, depois, do Cenáculo até após as 17 horas e, ainda mais tarde, do terço diário, terminando com a participação na Santa Missa já à noite. Ainda, foi catequista, missão que cumpria, com enorme felicidade, quando já contava com mais de 70 anos de idade. Tornou-se também Ministra da Eucaristia, com participação efetiva no seu mister, e somente veio a parar suas atividades religiosas quando, após uma semana após completar 90 anos de idade, foi vítima de um acidente vascular cerebral, do qual não chegou a se recuperar, vindo a falecer em 2 de junho de 2008, após crítica e difícil internação em um CTI.

Elaine Juchem Selistre viveu sua espiritualidade minuto a minuto, do que fazia uma constante, em qualquer lugar, sem separar a vida material da espiritual. Sua figura de mulher, esposa, mãe, avó, bisavó e amiga jamais poderá ser separada de sua postura como cristã autêntica e dedicada filha de Maria.

Sala das Sessões, 11 de agosto de 2009.

VEREADOR JOÃO CARLOS NEDEL

PROJETO DE LEI

Denomina Rua Elaine Juchem Selistre o logradouro público cadastrado conhecido como Rua 7032.

Art. 1º Fica denominado Rua Elaine Juchem Selistre o logradouro público cadastrado conhecido como Rua 7032, nos termos da Lei Complementar nº 320, de 2 de maio de 1994, e alterações posteriores.

Parágrafo Único. As placas denominativas conterão, abaixo do nome do logradouro, os seguintes dizeres: Mãe e Líder Católica Exemplar.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.